

ALFABETIZAÇÃO *VERSUS* LETRAMENTO: ESCREVER, LER E PENSAR

RAQUEL HESPANHOL LEBLANCK¹, GUSTAVO THAYLLON FRANÇA SILVA²

¹ Pós-Graduada em Matemática Superior pelo Centro Universitário de Caratinga. Graduada em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Internacional Uninter. gustavo.thayllon@gmail.com.

² Pós Graduado em Educação especial e inclusiva pela Faculdade de Educação São Luiz, Pós Graduado também em Gestão escolar, orientação e supervisão pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Graduado em Licenciatura em Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Atua como Professor de Ensino Superior no Centro Universitário Uninter, no curso de Licenciatura em Pedagogia Presencial, semipresencial e EAD. gustavo.thayllon@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as diferenças existentes entre a alfabetização e o letramento, apontando a escrita, a leitura e o pensamento como pré-requisitos fundamentais para erradicação do analfabetismo funcional, uma triste realidade que precisa ser vencida no país. A justificativa encontra-se na importância que o letramento exerce na formação de um cidadão capaz de desenvolver competências críticas e ser um agente participativo e transformador frente às necessidades cotidianas de forma que o objetivo deste trabalho não é desvalorizar as escolas, pois as elas são imprescindíveis para o desenvolvimento social, mas apontar que é através da junção dos dois eixos letramento-alfabetização que está o caminho para que as pessoas consigam escrever, ler e pensar de forma autônoma e com eficiência. Somente através do incentivo à leitura é que as escolas conseguirão promover cidadãos capacitados a compreender o que leem e melhorar a sua desenvoltura para redigir e se expressar de maneira correta.

Palavras-chave: Alfabetização, letramento, escrever, ler, pensar.

LITERACY *VERSUS* LETTER: WRITING, READING AND THINKING

ABSTRACT

This article aims to analyze the differences between alpha-betization and literacy, pointing to writing, reading and thinking as fundamental prerequisites for eradicating functional illiteracy, a sad reality that must be overcome in the country. The justification lies in the importance that literacy exerts in the formation of a citizen capable of developing critical competencies and being a participatory and transforming agent in

face of everyday needs. So that it is able to make good use of reading in any environment or situation. This awareness is recent and Brazil has a high number of illiterates. The need for literacy has arisen because of the dissatisfaction with simple literacy, it is important to recognize that the purpose of this work is not to devalue schools, since they are essential for social development, but to point out that it is through the junction of the two letter- literacy that is the way for people to be able to write, read and think independently and efficiently. It is only by encouraging reading that schools will be able to promote trained citizens to understand what they read and improve their ability to write and express themselves correctly.

Keywords: Literacy, literacy, writing, reading, thinking.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o número de pessoas que tiveram acesso às universidades cresceu de forma considerável, isso graças aos programas criados pelos governos; em contrapartida, ainda é muito grande o número de brasileiros que não sabem se comunicar. O processo de conscientização a respeito da importância da alfabetização é recente. Hoje, já se sabe que é a única solução para um dos mais graves problemas encontrados na sociedade, que é o da alfabetização de adolescentes e adultos.

Muitos desses brasileiros abandonaram seus estudos por necessidade de trabalho ou, até mesmo, por dificuldade de acesso à escola. A alfabetização realizada em níveis iniciais é considerada quando a criança apresenta um comportamento mais maduro ou quando ela se prontifica a ser inserida no processo. Esse processo, por sua vez, possui dos polos contrários, de um lado o docente, do outro o discente e, no meio dos extremos, encontra-se o objeto, que, na verdade, é a aprendizagem.

Apesar de possuírem conceitos distintos, no dia a dia, os dois fatores encontram-se entrelaçados, sendo formados por pessoas alfabetizadas ou não alfabetizadas e pessoas que não compreendem de forma eficiente o que lê. É difícil imaginar, no entanto, que alguém possa exercer tal condição em grau satisfatório sem que antes tenha sido alfabetizado.

Aos educadores, cabe a certeza de que somente através do incentivo é que novos cidadãos letrados surgirão. Provavelmente, os educadores não tenham noção do quão importante é para a sociedade a formação de novos “pensadores”. Não se pode culpar os

professores, pois, em sua própria formação, não são despertados para a importância da missão que irão trilhar em seu caminho profissional.

Para compreender o mundo, é preciso, antes de qualquer coisa, compreender que todos os seres humanos possuem o livre arbítrio, que é o direito de escolha. Uma sociedade, para ser justa, necessita de pessoas capacitadas a fazer escolhas e, para tal, não basta saber ler e escrever. É imprescindível que os membros sejam capazes de formular seus próprios pensamentos a partir de suas compreensões acerca do que os cerca. Na história, existem infindáveis exemplos daquilo que pode acontecer quando alguém deixa outrem pensar por ele. Ainda hoje, em nossa sociedade atual, existe uma minoria que, por acomodação ou por serem completamente iletrados, ainda necessitem que pensem por ele.

Diante do governo, encontra-se um imenso desafio, ainda há um longo caminho a se percorrer para erradicação do analfabetismo. Porém, é preciso manter um olhar crítico, porque o números e índices que são apresentados são elevados. Há a necessidade não apenas de se preocupar com os elevados índices de analfabetos, mas olhar de forma atenciosa para o número de iletrados que nem sequer são quantificados pelas pesquisas. É necessário um olhar diferenciado porque somente a partir do momento que aumentar o número de letrados, de pessoas que tenham capacidade de desenvolver um senso crítico baseado no que se lê ou escreve é que o país caminhará para o tão sonhado desenvolvimento.

De acordo com Gil (1999) esta pesquisa é *explicativa*, pois visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Explica a razão e o porquê das coisas, esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos aplicativos. A finalidade da metodologia encontra-se em justificar o que foi firmado antes, tornando-se, assim, a chave para o conhecimento proporcionando um maior entendimento a respeito da pesquisa realizada.

Para elaboração do referido artigo, será realizado um levantamento teórico, ou seja, pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (199), é constituída por materiais já elaborados, como livros e artigos científicos. Tendo como vantagem proporcionar o investigador, a cobertura de uma gama de informações muito mais ampla do que ele

poderia investigar de forma direta. A análise do material será feita no decorrer do processo de elaboração do artigo.

2 A ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE

Na contemporaneidade, percebe-se uma cultura fortemente inclinada à leitura e à escrita, cultura esta que faz com que certos públicos fiquem perdidos, devido ao alto índice de analfabetismo que ainda é apresentado no Brasil.

A escrita e a leitura, nessa sociedade, configura-se como papel de fundamental importância, para um pleno exercício da cidadania, tendo em vista que todas as atividades cotidianas circulam em torno do processo de leitura como, por exemplo, quando vamos ao supermercado, precisamos efetuar a leitura dos valores dos produtos e até mesmo a descrição de cada item, não distante disso, podemos citar também o processo de alfabetização matemática, em que se faz necessário a leitura dos valores e o domínio do cálculo propriamente dito.

Britto (2005) afirma que, como a língua dá nome as coisas, aos objetos, cria-se um modo de ser, viver e ainda observar. Neste sentido, segundo Paulo Freire (1982), as palavras são mais que instrumentos usados para a comunicação e estão diretamente ligadas ao processo de tomada de consciência coletiva e a possibilidade de, através da aprendizagem da palavra escrita, novas leituras e ter os mais diversos significados do mundo e da sociedade moderna.

Britto (2005) afirma que:

A sociedade contemporânea se organiza com base no sistema da escrita, existindo muitas áreas de atuação e de conhecimento organizadas exclusivamente com base nesse sistema. Mais ainda, todos os cidadãos estão inscritos nesta sociedade. Sua existência se manifesta não porque existem fisicamente, mas porque tem o reconhecimento escrito dessa existência. Por exemplo, quando alguém é parado na rua por um policial ou na portaria de uma empresa, o que lhe pedem não é que diga quem é, mas sim que mostre o documento de identidade (BRITTO, 2005 p11).

Neste sentido, percebe-se que tudo é rodeado por códigos, símbolos, letras e informações que fazem correlações gerando informações concretas para o pleno exercício da cidadania; nesta visão, Ferreira (1984) afirma que:

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência (especialmente nas concentrações urbanas). (FERREIRO, 1984, p. 43).

Portanto, a alfabetização, a leitura do mundo, o letramento, o entendimento dos códigos, dos símbolos e dos cálculos, constitui-se minimamente para qualidade de vida de um cidadão, objetivando gerar interação social, leitura e releitura do mundo, criando novos significados.

3 LER, ESCREVER E PENSAR

Para demonstrar quais os caminhos a serem percorridos, que não necessariamente são previsíveis, pois a aprendizagem se faz de formas diferentes, é indispensável saber diferenciar o conceito de Alfabetização e Letramento, tendo em vista as diferentes concepções, formas e ritmos de aprendizagem.

De acordo com Ferreiro (1990), é recente a conscientização sobre a importância da alfabetização inicial como solução para o problema causado pela alfabetização remediativa, que é aquela em que jovens e adultos aprendem a ler.

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita”, quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, na capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e, na escrita, na capacidade de codificar sons da fala, transformando-os em sinais gráficos (BRASIL, 2007).

Com o surgimento dos termos letramento e alfabetização (ou alfabetismo) funcional, muitos pesquisadores passaram a preferir distinguir alfabetização e letramento. Passaram a utilizar o termo alfabetização em seu sentido restrito, para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, da natureza e do funcionamento do sistema de escrita (BRASIL, 2007).

Passaram, correspondentemente, a reservar os termos letramento ou, em alguns casos, alfabetismo funcional para designar os usos (e as competências de uso) da língua escrita. Outros pesquisadores tendem a preferir utilizar apenas o termo alfabetização para significar tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos da língua escrita em práticas sociais. Nesse caso, quando sentem a necessidade de estabelecer distinções, tendem a utilizar as expressões “aprendizado do sistema de escrita” e “aprendizado da linguagem escrita.” (BRASIL, 2007).

4 CONCEPÇÕES DA ALFABETIZAÇÃO

O conceito de alfabetização apontado por Cagliari (2007) engloba a aprendizagem da escrita e da leitura. Sendo imprescindível perceber que ler e escrever são atos linguísticos; porém, os linguistas começaram a pouco tempo a participar dos projetos educacionais.

O processo de alfabetização é, na verdade, mais abrangente do que podemos supor, uma vez que se desencadeia muito antes do sujeito “saber ler e escrever” e continua por permear as interações estabelecidas entre o sujeito e a escrita, mesmo após a aquisição da base alfabética do nosso sistema.

A alfabetização é mais do que simples domínio mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente (FREIRE, 1967, p. 111).

A alfabetização possui alguns aspectos contraditórios. Pode ser útil ou preocupante aos governantes. Por isso, os que detêm o poder pensam que ela deveria dar-se de preferência sob o controle do Estado e nas escolas formalmente instituídas.

Nessa visão, Cavazzoti (2009) afirma que:

Em nosso país, a expansão do que chamamos de alfabetismo pela via da escola de educação básica, obrigatória de 7 a 14 anos, embora legitimada na constituição federal, tem percorrido um longo e penoso caminho, não consolidado, em razão das desigualdades que marcam a sociedade brasileira. (CAVAZZOTI, 2009, p.21).

Ainda na visão da autora:

Ao examinarmos dados de períodos mais recentes, constatamos que, ao mesmo tempo em que se verifica maior expansão de oferta de ensino pela escola pública, cresce simultaneamente o número de reprovações na série de entrada na escola – na classe de alfabetização – do que decorre, portanto, a permanência do analfabetismo. (CAVAZZOTI, 2009, p.22).

Cavazzoti (2009) aponta que tais dados foram registrados a partir de 1940, época em que as escolas públicas receberam outras demandas, principalmente das classes trabalhadoras, que não possuíam acesso à escolaridade, como também aquelas pessoas advindas das famílias mais pobres.

5 CONCEPÇÕES DO LETRAMENTO

O letramento envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, sabe fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas *etc.*, mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2001).

Segundo Soares (2006), letramento serve para designar aquele indivíduo que sabe utilizar a competência alfabética, isto é, possui a capacidade de ler e escrever, como instrumento favorecedor de melhores condições de vida, por meio da prática social.

Letramento é dar sentido à leitura e à escrita por meio de objetivos preestabelecidos, é ler o mundo real, seja pela diversão, informação ou instrução. É viajar pelo mundo e ter contato com outras culturas sem a necessidade de sair de casa; é viver emoções por meio da leitura. É também se orientar no mundo, percebendo o sentido nas placas, letreiros de ônibus, nomes de ruas, interpretando mapas. É descobrir quem se é e onde se pode chegar. (ALMEIDA, 2008, p.76)

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. Como são muito variados os usos sociais da escrita e as competências a eles associadas (de ler u bilhete simples a escrever um romance), é frequente levar em consideração níveis de letramento (dos mais elementares aos mais complexos). (BRASIL, 2007, p. 11)

Historicamente, a invenção da escrita remota a um processo em que foi construído um sistema de representação e não um processo a ser codificado. As dificuldades encontradas pelas crianças, tanto para aprender o sistema de numeração decimal, quanto o sistema de representação de linguagem é o mesmo, pois são dificuldades denominadas conceituais, o que assemelha a construção de um sistema.

Produzir língua escrita é apropriar-se de aspectos essenciais presentes nas práticas sociais ligadas à escrita. Produzir língua escrita é apropriar-se da escrita

enquanto objeto de conhecimento, enquanto produção humana, ainda assim, passível de transformação e reinvenção pelo sujeito. A linguagem escrita denota várias formas de discurso, as quais atendem a diferentes propósitos, definidos de acordo com suas condições de uso. As reflexões geradas pelo sujeito dificilmente surgiria se a escrita fosse usada em uma única função. Essas observações indicam que, além de considerarmos a presença de um objeto linguístico, é possível julgarmos a forma adequada a uma circunstância de uso determinada com formas socialmente reconhecidas.

O ponto de equilíbrio para que o processo de ensino aconteça de maneira adequada encontra-se em alfabetizar letrando; pois, assim, a criança é levada a familiarizar com a leitura e a escrita. O que, posteriormente, irá contribuir para que esta criança desperte o gosto por livros, revistas, jornais, pelo material que circula no meio acadêmico e social, tornando-se apto a produzir textos.

Nenhum sistema da história da escrita se propôs retratar tudo o que a fala normal transmite. O aspecto mais privilegiado é sem dúvida a palavra, depois a sílaba e por fim os segmentos fonéticos representados tradicionalmente pelo que comumente se chama de vogal e consoante. Os aspectos supra-segmentais aparecem na escrita muito recentemente através dos sinais de pontuação e assim mesmo um número mínimo de casos entre os fatos reais da fala. Até a Idade Média, não havia num texto a preocupação com a separação das palavras ou com a colocação de sinais de pontuação(CAGLIARI, 2007, p. 116).

Como Almeida (2008) afirma, esse movimento existente entre mundo e palavra permite que ocorra uma transformação proporcionada pela leitura crítica do mundo e da palavra. Mensagem que vai muito além da codificação, encontrando com a capacidade de interpretar e criticar de forma consciente tudo aquilo que estiver ao seu redor.

Escrever e ler são atividades simbólicas específicas: O primeiro ponto de orientação tem a ver com o objeto de conhecimento. O que aprendemos quando aprendemos a ler? O que aprendemos quando aprendemos a escrever? Sem dúvida, aprendemos a interpretar e a produzir mensagens. É verdade que, para ler, olhamos para algumas marcas pretas em um papel, ou às vezes, em uma tela. Ao escrever, também deixamos traços materiais, mas só lemos quando vemos o que as marcas significam não o que elas são. Se nos restringirmos às marcas de um texto escrito, a seus aspectos materiais de cor e de forma, e não ao que elas evocam, não lemos. Se, ao colocar as letras no papel, passamos a considerá-las pigmentos mais ou menos compactos, não escrevemos; por isso, dizemos que ler e escrever são atividades simbólicas. Todas elas têm em comum o fato de não serem o que parecem - movimentos, traços sobre alguma superfície, ondas sonoras -, mas o que significam (CARVAJAL PÉREZ, 2001, p. 140).

A escrita desenvolve uma função importante para o ser humano, ao abrir um texto isento de imagens, cada um em sua mente cria um mundo, este, por sua vez, é próprio, pois a imaginação fica a cargo do leitor.

A concepção pedagógica atual, por sua vez, demonstra uma preocupação com as técnicas utilizadas para auxiliar o desenvolvimento da leitura e da produção escrita. Existe uma certeza a respeito de que quanto mais próximo da realidade do aluno o texto estiver, maior será a sua compreensão a respeito. Tendência esta contrária ao que era ensinado no passado, em que haviam construções artificiais de textos. O que não contribuía para o desenvolvimento crítico.

Conforme Ferreiro (1990), a concepção da escrita aparece por trás da apresentação das letras e da sua sequência ao produzirem os sons. Quando o indivíduo desenvolve a capacidade de pensar, o senso crítico, o professor que antes o acompanhou no processo de construção dessa capacidade torna-se um orientador, passando assim a ser um facilitador da aprendizagem.

O objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Portanto, a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita. Por que, então, não começar ensinar a escrever e a ler, dando mais ênfase à leitura? Vejo, assustado, os programas das aulas de alfabetização, cheios de atividades de escrita e quase nada de leitura. E, quando se fala em leitura, é para avaliar ou a pronúncia ou a capacidade de decifração de letras da escrita. Que absurdo! Encontram-se muitas cartilhas que, em vez de oferecer leituras para as crianças, trazem apenas aquelas estranhas listas de palavras e amontoados de frases sem pé nem cabeça (CAGLIARI, 2007, p. 169).

O primeiro objetivo ao ensinar a escrita é permitir a leitura, que é a interpretação da escrita, que consiste na interpretação dos símbolos através da fala.

Na realidade esta, como muitas “invenções” do gênio humano, pode ser considerada como o aprimoramento de algo que já era anteriormente conhecido. Infelizmente não conhecemos o nome de nenhum dos autores das reformas mais importantes na história da escrita. Seus nomes, como o de tantos outros grandes homens, responsáveis por melhorias essenciais da vida humana (como por exemplo o uso prático da roda, do arco e flecha, da embarcação a vela), perderam-se para sempre no anonimato da Antiguidade (BARBOSA, 1994, p. 34).

Barbosa (1994) compara a escrita a uma linguagem feita para os olhos e amplia a comparação como alguém que, ao olhar a paisagem, depara-se com cores e os elementos que a compõem.

Para Campos (1986), a aprendizagem, por sua vez, relaciona-se a uma mudança de comportamento, que pode ser causada tanto por prática ou através da experiência, sempre proporcionado ao indivíduo um ajustamento.

Aprender é uma atividade que ocorre dentro de um organismo e que não pode ser diretamente observada; de forma não inteiramente compreendida os sujeitos da aprendizagem são modificados: eles adquirem novas associações, informações, insight's, aptidões, hábitos e semelhantes (DAVIDOFF, 1983, p. 158).

Para o autor, memória é um combustível indispensável para construção do conhecimento, é através dela que o ontem e o hoje são interligados. Sem este elo, o ser humano perde sua identidade. Por isso, a aprendizagem precisa apresentar-se como fator significativo para o indivíduo; caso contrário, o aluno abandona o interesse pelo novo, deixando assim de vislumbrar a beleza que o conhecimento produz e proporciona ao indivíduo.

Importante, nesse processo, é compreender que aprender a ler não é uma memorização e sim um ato que se relaciona com a cognição. Esta, por sua vez, encontra-se ligada à capacidade de pensar.

Kaufman (1994) aponta que o aprendizado é um modo particular de construção de conhecimentos de forma intencional realizada através de intervenção externa. Ele ainda defende que um ambiente propício ao aprendizado deve conter revistas, jornais, livros, textos e uma infinidade de materiais que despertem a curiosidade, inclusive embalagens de alimentos que as crianças gostem.

6 ANÁLISE DA REALIDADE BRASILEIRA

O Brasil, nas últimas décadas, implantou diversos projetos com objetivo de extirpar os elevados índices de analfabetismo; no entanto, ganhou espaço no cenário nacional um outro entrave ligado a alfabetização, que é o alfabetismo funcional.

É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Em todo o mundo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura e escrita. A questão não é mais apenas saber se as pessoas conseguem ou não ler e escrever mas também o que elas são capazes de fazer com essas habilidades. Isso quer

dizer que, além da preocupação com o *analfabetismo*, problema que ainda persiste nos países mais pobres e também no Brasil, emerge a preocupação com o *alfabetismo*, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura e escrita nas diferentes esferas da vida social (RIBEIRO, 1997, p. 144).

Barbosa (1994) relata uma associação entre alfabetização funcional e a ideia de uma educação permanente, encontrada com ênfase em uma fase da etapa da pós-alfabetização, etapa esta EM QUE se consolida a habilidade adquirida na fase da alfabetização.

Tabela I - Evolução do Indicador de Alfabetismo Funcional população de 15 a 64 anos (%)

	2001/2002	2002-2003	2003-2004	2004-2005	2007	2009	2011-2012
Analfabeto	12	13	12	11	9	7	6
Rudimentar	27	26	26	26	25	21	21
Básico	34	36	37	38	38	47	47
Pleno	26	25	25	26	28	25	26
Analfabetos funcionais (analfabeto+rudimentar)	39	39	38	37	37	27	27
Alfabetizados funcionalmente (básico+pleno)	61	61	62	63	66	73	73
BASE	2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002

Fonte: INAF BRASIL 2001 a 2011.

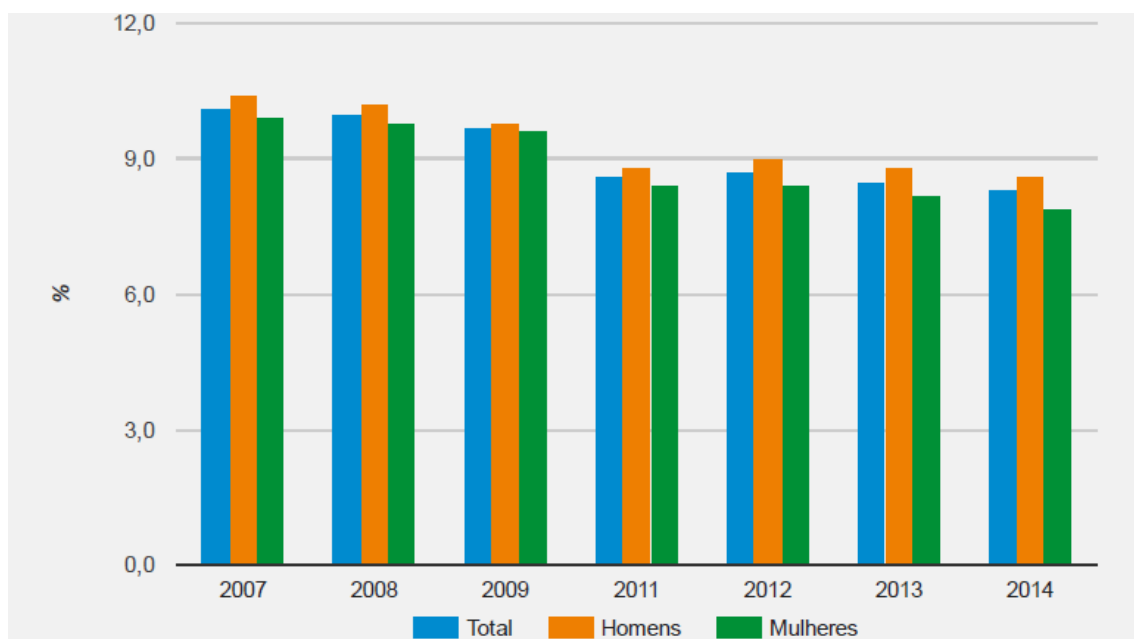
Através da análise desses resultados, observa-se um avanço do país na busca de resultados a fim de minimizar as desigualdades produzidas socialmente pela falta de instrução. Por outro lado, demonstra que não se conseguiram progressos visíveis no alcance do pleno domínio de habilidades necessárias para que a maioria da sociedade seja constituída por pessoas letradas, capazes de ler, compreender e criticar o que foi lido.

Em 2014, foi realizada uma pesquisa em todo o país com o objetivo de avaliar crianças de 08 (oito) anos que cursam o Ensino Fundamental I na rede pública de ensino. O universo pesquisado compreendeu um número superior a dois milhões de alunos, segundo dados divulgados pelo Jornal Nacional em Setembro deste ano. Os resultados, no entanto, são alarmantes.

Na leitura, 56,2% estão no pior nível e não entendem o que leem, nem mesmo histórias em quadrinhos. Quase um terço dos alunos não aprendeu a escrever de forma minimamente satisfatória e não sabem escrever palavras de forma correta e os textos são incompreensíveis. A maioria que consegue escrever um texto comete muitos erros ortográficos e de concordância.

O Ensino Fundamental I é o pilar para o desenvolvimento do aprendizado, é onde se concentra a responsabilidade do despertar. Despertar para o novo mundo que o conhecimento produz. De acordo com Ribeiro (1997), a aprendizagem depende da capacidade de processar informações escritas, verbais e numéricas, relacionando-as com imagens, gráficos etc.

Figura 01 - Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo no Brasil – 2007/2014.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2014.

O gráfico acima demonstra que ainda é grande o número de analfabetos e que o número é maior ainda entre os homens, quando comparados com às mulheres. Esses dados permitem uma análise mais crítica apontando que as diferenças entre homens e mulheres no tocante a alfabetização está diminuindo, isso é reflexo da busca de escolarização crescente das mulheres objetivando um espaço no mercado de trabalho.

Para alcançar o objetivo de fazer com que a alfabetização se desenvolva de forma plena, é preciso que o trabalho dos educadores se desenvolva de forma conjunta, todos buscando uma solução e trilhando caminhos afins, expressando suas ideias para que gestores e educadores encontrem um denominador comum que beneficie o processo de ensino-aprendizagem.

Não basta deixar a cargo da escola a missão de estimular a alfabetização. É preciso que, após a escolarização, surjam oportunidades e que as pessoas nunca percam os estímulos; caso contrário, o desenvolvimento não se torna completo. Cabe ao governo a criação de políticas públicas capazes de incentivar e criar espaços públicos de leitura e pesquisas, como bibliotecas. E, por parte das empresas, através da criação de espaços e disponibilidade de leituras das diferentes mídias, para que seus funcionários despertem o prazer e interesse pela leitura.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um processo de ensino-aprendizagem de grande importância, pois possui como premissa conduzir a pessoa ao desenvolvimento da leitura e da escrita; assim, considera-se alfabetizado todo aquele que aprendeu a ler e a escrever. Sobre as diferentes perspectivas que englobam essa complexa temática do ensino e aprendizagem da leitura e escrita, o presente trabalho demonstra que o processo de alfabetização por si só não é suficiente para a construção de um ensino de qualidade, capaz de promover o senso crítico de um cidadão.

A necessidade de diferenciar alfabetização de letramento foi imprescindível para compreender que um está pautado no ensino da leitura e da escrita, já o outro preocupa-se em fazer com que a leitura tenha sentido para o educando, abrindo um leque de possibilidades que venha a desenvolver este aluno através do uso das habilidades básicas aprendidas.

O aprender a ler e a escrever representam um árduo processo ligado às boas práticas tanto da leitura como da escrita. A proposta deste estudo foi demonstrar que a alfabetização não deve se ater apenas a ensinar aos educandos a decodificar sons e letras, mas é imprescindível que eles conheçam o significado(s) e sejam capazes de

aplicar as palavras de forma adequada nos mais diferentes contextos, exercitando assim o pensamento crítico.

O Brasil possui um número significativo de analfabetos; porém, nos últimos anos, a realidade mudou, o número de homens analfabetos é superior ao de mulheres, mesmo com uma população feminina maior. Fato é que as mulheres estão buscando mais a capacitação profissional, o oposto do que ocorria no passado.

Mas, ainda que políticas públicas tenham conseguido diminuir o número de analfabetos, ainda é grande o número de analfabetos funcionais e esses são os que precisam de maior zelo; pois, para mudar a realidade vivenciada nas escolas de ensino médio e na educação superior, é imprescindível que medidas sejam adotadas objetivando uma nova realidade em que cada indivíduo seja capaz de ler, escrever e pensar de forma ordenada.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Judith M. **A leitura do mundo por meio dos sentidos: histórias de ensino, aprendizagem e deficiência visual.** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2008.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pró-Letramento** : Programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e linguagem. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional.** Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>

BRITTO, Luiz Leme. **Letramento no Brasil.** Curitiba . Iesde, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística.** 10ed. São Paulo: Scipione, 2007.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1986.

CARVAJAL PEREZ, F. et AL. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAVAZZOTI, Maria Auxiliadora. **Fundamentos teóricos e Metodológicos da alfabetização.** Curitiba . Iesde, 2009.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia.** São Paulo: MCGraw-Hill, 1984.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização.** 15ed. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. A **Importância do Ato de Ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KAUFMAN, Ana Maria. **A leitura, a escrita e a escola:** uma experiência construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MARCUSCHI, L. A. “**Oralidade e Letramento**”. In: Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, v. 18, n. 60, p. 144-158, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.